



ACÇÃO COMUM

Rio de Janeiro, junho 1981

ano 3 n.º 19

MOBRAL BIBLIOTECA
 ORIGEM doacao
 Cr\$. 1
 DATA 1 / 07 / 81

PORTE PAGO
 DR - RIO
 ISR - 52 - 431/81

Sítio faz ponte da amizade

Pág. 7

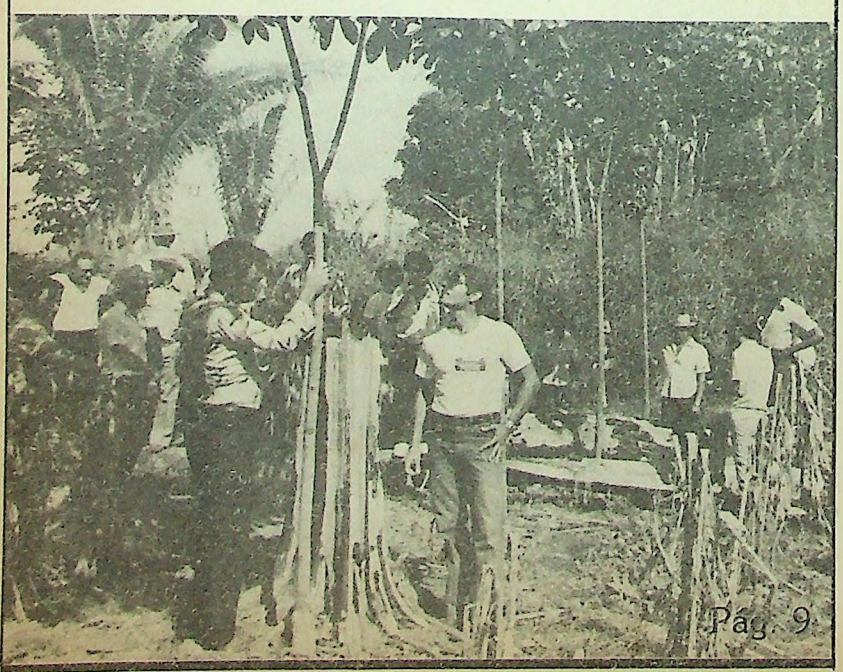
Rio Casca: uma fazenda é exemplo de participação



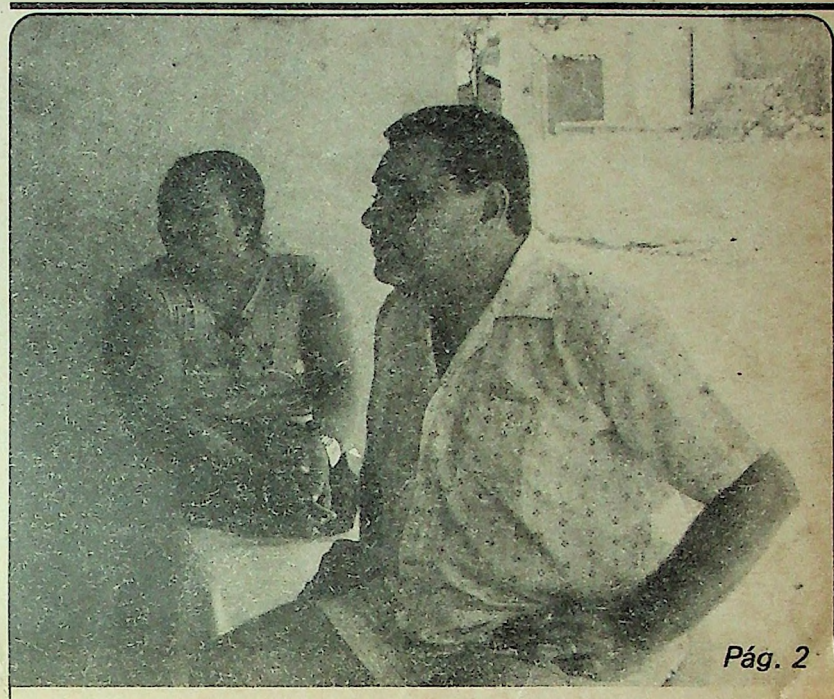
Pág. 6

Seringais nativos: trabalho e esperança

Como vive o homem do seringal, seus desafios, seus desabafos. O convívio da criança desde cedo com a faca de corte. As miniusinas, a educação pré-escolar e as atividades do Mobral na Amazônia.



Pág. 9



Pág. 2

Em Isacolândia, um sanfoneiro respeitado

A PALAVRA DO PRESIDENTE

A GRANDE META

Passados alguns dias desde a minha posse, atendendo a esse chamado tão honroso e desafiador, vejo-me totalmente empenhado neste complexo de atividades que é o MOBRAL de hoje, instrumento criado pelo Governo Federal para executar o Plano de Alfabetização Funcional e Educação Continuada de Adolescentes e Adultos. Com os anos, graças à competência e zelo de seus funcionários e colaboradores, ao apoio permanente dos órgãos de orientação e demais áreas de governo e, sobretudo, à compreensão e participação das comunidades onde atua, o MOBRAL desdobrou-se em inúmeras células de atuação, espalhadas pelo vasto território nacional. Dessa diversidade de ações, dessa penetração pelos municípios e recantos, os mais longínquos às vezes, este jornal dá pequenas mostras.

Mas os objetivos que inspiraram e justificaram a fundação do MOBRAL persistem, hoje, válidos e fortalecidos. Para alcançá-los, o MOBRAL desenvolveu novos métodos, novos projetos e outros criará segundo as circunstâncias, as prioridades e os planos do Governo, expressos pelo Ministro da Educação Rubem Ludwig. As operações do MOBRAL levam a um contacto direto e intenso com a realidade social, através do esforço organizado de educar permanentemente aqueles que não se beneficiaram com a educação formal ou, em outras palavras, integrá-los a uma sociedade em desenvolvimento, para que dela participem integralmente. Todas as ações do MOBRAL visam à educação direta ou indireta e continuada, suplemento da educação formal que deve dar-se nas idades próprias. Para essa meta estamos todos voltados, dentro desta casa de trabalho, de ensino e aprendizagem.

Claudio Moreira

As muitas visões de um cego chamado Isaac

Volta e meia ele é chamado para animar uma festa, no coreto improvisado de alguma praça de Petrolina, em Pernambuco, no casamento de alguém mais chegado ou esquentando com sua sanfona alguma reunião de compadres. Isaac Cordeiro, poeta do cordel, sanfoneiro de mão cheia, paraibano por acaso e pernambucano de coração.

Horta comunitária de 500m2:
orgulho dos moradores de Isacolândia



Na falta da visão,
uma grande sensibilidade

a sua deficiência visual: "Acho que aflorou em mim uma sensibilidade ainda maior, depois que me tornei cego".

De fato, a ausência da visão cedeu lugar à criação de belas e bem humoradas imagens que falam de seu povo, suas crenças e de sua fé. Pode ser a história de João Mulambeira, que deixou de ser fidalgo para transformar-se no Louco da Estação num de seus cordéis ou a mistura de sonho e realidade sertaneja presente numa visão de Isaac para o seu "Incrível Mistério da Vaquejada".

Feliz com o que faz

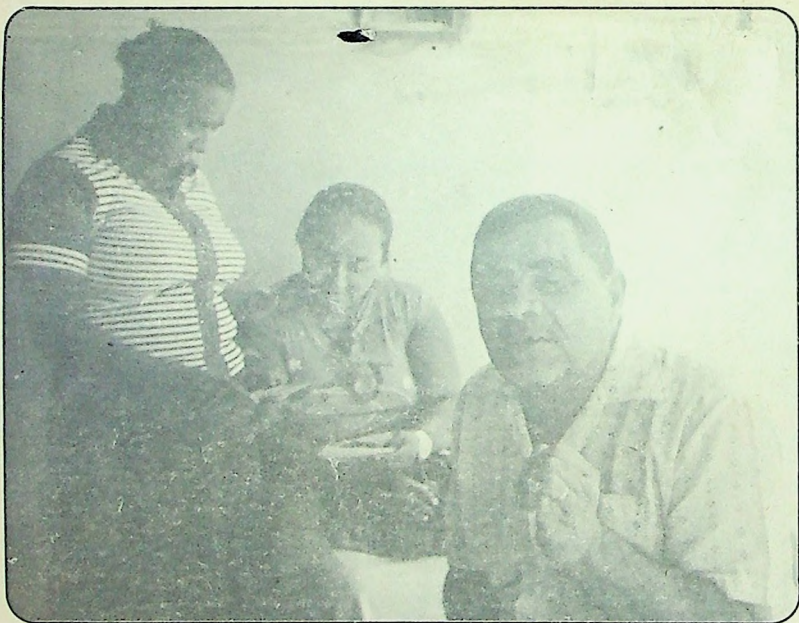
O rosto redondo, barba por fazer, olhos no infinito, coberto às vezes pelas grossas lentes dos óculos, Isaac se mostra quase sempre irrequieto, com energia para exercer múltiplas atividades. "Sou feliz com o que faço", ele diz. Em menos de 24 horas escreveu em cordel a morte de Getúlio.

Num programa diário numa emissora de Petrolina ele fala de sua terra e conta um pouco da história de Isacolândia:

"O local era uma usina de coroa, abandonada. Resolvi cuidar da gente de lá, que vivia abandonada, sem nada. Sabe, sou muito persistente quando desejo realizar alguma coisa. Pedi e pedi muito. O prefeito acabou cedendo. Hoje há água e luz, um grupo escolar para os meninos e abriga uma população de cerca de 750 habitantes".

Arrancando prazer das coisas simples, vivendo com Dona Eunice Cordeiro a experiência de trabalhar em comunidade, Isaac sorri um sorriso redondo e declara: "Gosto disso. Gosto de servir ao próximo. Tão dizendo até que isto aqui é uma nova Disneylandia".

Só que em Isacolândia a fantasia chega através das múltiplas visões de Isaac, em forma de versos e canções. E nada que até hoje se fez por lá foi de mentira ou faz-de-conta.



Isacolândia

Pelos idos de 59, Isaac era ainda um rapazote recém chegado da Paraíba, que iria encantar, com seus 26 anos e o auxílio do acordeão, o coração da pacata cidade de Petrolina. Nessa época já era um sanfoneiro respeitado, confirmam os diversos amigos que Isaac foi fazendo.

Ainda em Petrolina, aos 29 anos Isaac perde a visão e ganha o amor de Dona Eunice, hoje alfabetizadora do MOBREAL, que viu o pequeno povoado onde moravam crescer e levar, como ela, o nome do marido: Isacolândia.

Sanfona, Amiga Inseparável

Enquanto Dona Eunice prepara suas aulas para a escolinha local, Isaac está sempre às voltas com reuniões comunitárias, criação de postos de saúde e, como não poderia deixar de ser, criando versos e composições populares com sua inseparável sanfona. "O Louco da Estação", "O Incrível Mistério da Vaquejada" ou "Sonho Também é Verdade" e "A Vitória do Cafuringa" são algumas obras de cordel feitas por Isaac e espalhadas pelo sertão pernambucano.

É assim que Isaac se refere

O cego que você tem em casa poderia estar atrás desta máquina

FICHA DE INFORMAÇÃO SOBRE PESSOA DEFICIENTE DA VISÃO

NOME _____
SEXO _____ DATA DE NASCIMENTO _____
NATURALIDADE _____ NACIONALIDADE _____
ENDEREÇO _____ n.º _____ Bairro _____
Cidade _____ Estado _____ CEP _____ Telefone _____

Para isto é preciso que você o encare como um ser humano normal. Sem desfazer de sua capacidade, nem supervalorizar suas aptidões. A Fundação para o Livro do Cego no Brasil e o Mobral querem auxiliá-lo a integrar o cego em sua comunidade. **O primeiro passo para isto é saber quem são os deficientes visuais no Brasil, onde moram, o que fazem e qual o grau de suas deficiências.** Lembre-se: 70% dos casos de deficiência da visão são curáveis, 50% da cegueira é evitável e 100% dos cegos podem ter uma vida quase igual à sua. Preencha o cupom ao lado e remeta para a Fundação para o Livro do Cego no Brasil, Rua Dr. Diogo de Faria, 558 Fone: 549-0611 — São Paulo/SP — 04037

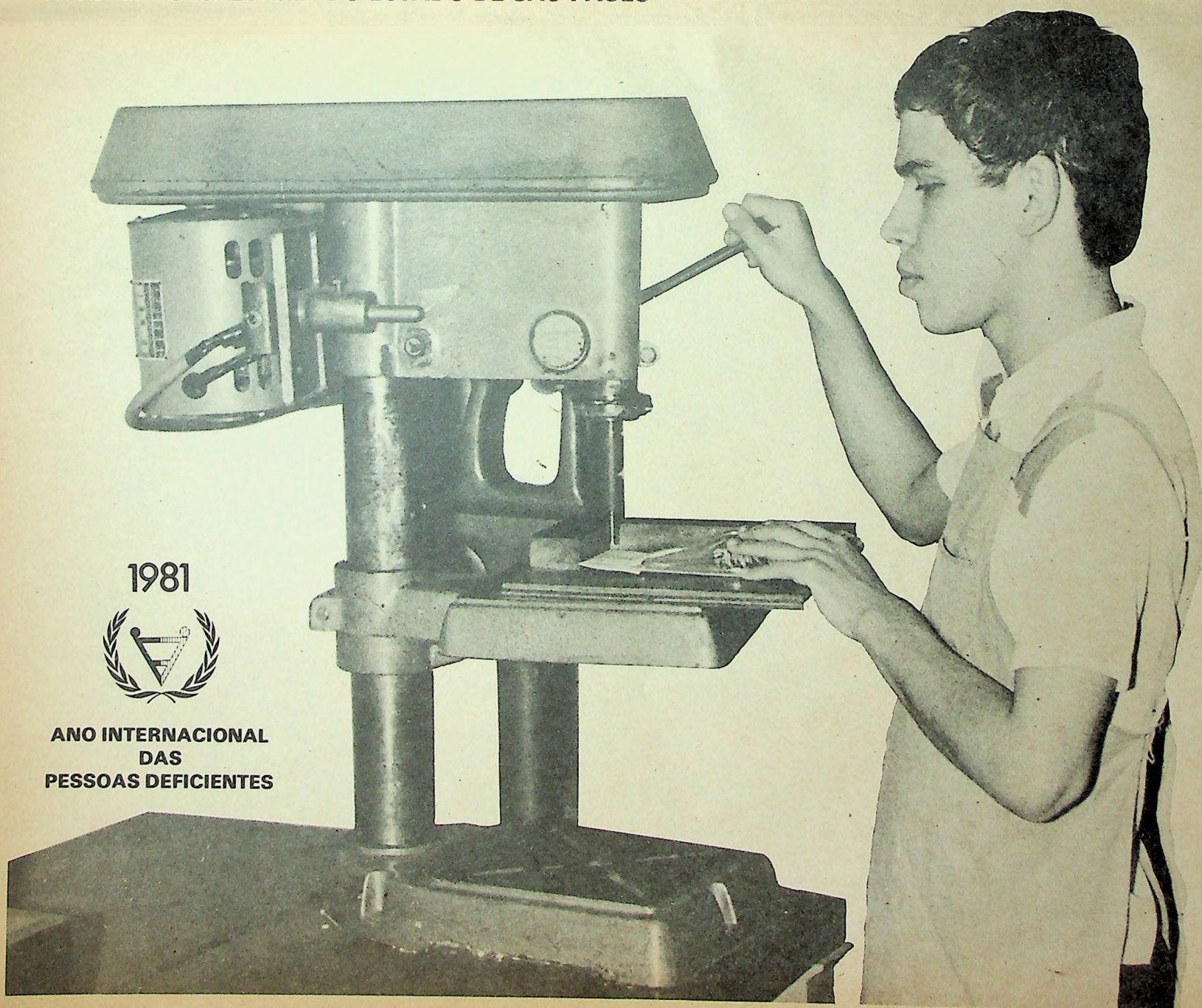


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA — MEC
FUNDAÇÃO MOBREAL
FUNDAÇÃO PARA O LIVRO DO CEGO NO BRASIL
SECRETARIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

1981



ANO INTERNACIONAL
DAS
PESSOAS DEFICIENTES



JORNAIS RECEBIDOS

EDUCAÇÃO/80

Nº 7 ano 1
Setembro/outubro/novembro/80
Espírito Santo

JORNAL CULTURAL MOBRAL

Nº 12
Janeiro/81 — Belém — PA

JOGAL — JORNAL DE GALHEIROS

Nº 1 ano I — janeiro/fevereiro/81
Goiás
Coordenadora — Nilzete Ataides

MOMENTO

Nºs 58/59/60
Publicação quinzenal da Universidade Santos Dumont
Editado pela Assessoria de Relações Públicas e Comunicação

O PROGRESSO

Ano II — nºs 2,3,6 e 7/80
Posto Cultural do MOBRAL Guarujá
Direção Jane Duppre Pirani

BOLETIM INFORMATIVO

Ano II — nº III
Comissão Municipal do MOBRAL de Paracatu — MG

O TROPEIRO

Ano 1 — nº 4 — fev. 81
Coest/GO

BIMA — BOLETIM INFORMATIVO DO MOBRAL DE APARECIDA

Ano 1 — nº 5
Responsável pela Redação — Rita O. Reis

O ELO

Ano 1 — julho e agosto
Santana — BA

O GAIVOTA

Ano 1 — nov./dez.
Posto Cultural do MOBRAL de Itajaí — SC
Responsável — Cineid Monteiro de Souza e Silva

MOBRASE — MOBRAL SERGIPE

Ano 1 — nº 6 jan./fev/81

IMPrensa OFICIAL DO MUNICÍPIO DE LEME

Ano VII — nº 338
Responsável — Antonio Luiz de Moraes

ITAPUÃ

Ano VI — nº 32 — jan.fev/81
Cachoeiro de Itapemirim

JORNAL CULTURAL MOBRAL

nº 14 — Belém — PB
Responsáveis — ENSUG, ECULT, EPROF

O LIBERAL

Ano XXXV — nº 1.589, 1.579, 1.564
Teófilo Otoni
Diretor Proprietário — Augusto Pereira de Souza

O VOLANTE

Ano II — nº 18 — março 81
Duque de Caxias — Magé

JORMOBRA

Ano I — nº 5 — abril 81
São Francisco do Conde — BA

O JOBRAL

nº 12
Diretor Responsável — Antonio Pereira de Azevedo
Posto Comunitário do MOBRAL — Recreio — MG

O jornal Ação Comum está sendo distribuído pela firma Distribuidora Irmãos Reis Ltda.

No caso de qualquer irregularidade no recebimento solicitamos comunicar à redação.

E se você está interessado em receber o "AÇÃO COMUM", mande-nos o seu nome e endereço completo, e o receberá gratuitamente em sua casa.

**AÇÃO
COMUM**
Editado pela
Gerência de Comunicação Social —
GECOM, do Movimento Brasileiro de
Alfabetização — MOBRAL, Rua Voluntários da Pátria, 53 — Botafogo — Rio de Janeiro — CEP 22.270.

PRESIDENTE
Claudio Moreira
SECRETÁRIO EXECUTIVO
Marília Santos da Franca Vellozo
SECRETÁRIO EXECUTIVO ADJUNTO
Rosa Maria Teixeira Basto O'Shea

Jornalista Responsável:
Mauro Júlio Amorim
— registro profissional nº 31 (SC)
Tiragem desta edição: 150.000 exemplares

coluna do leitor

"Sou alfabetizadora do MOBRAL desde 72. Comecei na Bahia. Lá alfabetizei muitas pessoas. Trabalho muito pelo desenvolvimento da minha comunidade.

Já fiz duas campanhas pra gente doente que não pode trabalhar. Ensino a 56 crianças, filhos de associados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mauriti. O Sr. presidente do Sindicato, Sr. Nilton Vasconcelos Sobral, fez um grupo muito bacana. O ano passado deu farda a todos os alunos.

Ensino pela tarde as crianças e à noite o MOBRAL (...). O meu esposo foi alfabetizado pelo MOBRAL. Ele se considerava cego e hoje 'sou um cidadão, sei ler, escrever e contar. Já fui a São Paulo duas vezes e por causa do meu saber sempre arrumo bom emprego'."

MARIA DE LOURDES DE SOUZA
Sítio Olho d'Água — Mauriti — CE

"Eu saí de Brasília e fui ministrar um curso de iniciação de saúde, no interior, em São Luís dos Montes Belos (GO) em que o Ação Comum, juntamente com a colaboração do Ilmo. Prefeito local — Sr. Josias Alves — nos ajudou nesta campanha. Agora a comunidade foi conscientizada como utilizar a água e formas de cuidados para o bom uso; inclusive, foram doados pelo nosso pequeno convênio, alguns filtros para a comunidade mais carente"

ALFABETIZADOR WINER M.
DE SOUSA
Brazlândia — DF

"Recebi os jornais com tantas notícias boas que dá gosto ler. Eu também sou alfabetizadora, tenho orgulho por ter 10 leitores que não sabiam nem pegar no lápis e vivem tão contentes por isto. Também umas 15 costureiras que já ganham dinheiro para ajudar nas suas casas e agradecem o MOBRAL

IRACI LOPES ANTUNES — MG

A Presidente da Comissão Municipal do MOBRAL em Pacaembu (SP) — Ordília Elias do Amaral — enviou a esta coluna ótimas notícias. Diz ela: "atualmente há em nossa comunidade 2 classes de alfabetização funcional com um total de 70 alunos; 1 classe de educação integrada com 28 alunos.

Os alunos da educação integrada são carinhosamente encaminhados para o ingresso nas 5.ªs séries do 1.º grau. Diga-se de passagem que muitos deles estão cursando a 5.ª, 6.ª e 7.ª série com certo brilhantismo.

Os cursos do PETRA são muitíssimo procurados por pessoas da zona urbana e até mesmo da zona rural.

Estamos neste período com os cursos de crochê, manicure, enfermagem, arte culinária, 2 cursos de pintura em tecido e 1 de encanador.

Seguimos o lema: "a união faz a força" e desta maneira trabalhamos com mais eficiência e eficácia".

PACAEMBU — SP

"No dia que chega o jornal é uma novidade. À noite eu não dou a aula de sempre. Eu dou uma aula diferente. A gente faz debates. A gente conversa muito sobre o MOBRAL. Através deste jornal eu procuro fazer com que os meus alunos entendam, compreendam cada vez mais a importância e o valor do MOBRAL".

TECILHA JUVITA DOS SANTOS
Monitora do MOBRAL — PE

"Sou professor de línguas portuguesa e francesa e quando tomo conhecimento de iniciativas orientadas e apoiadas pelo MOBRAL, vejo que vale a pena acreditar no altruísmo humano e no espírito de cooperação do brasileiro".

PROF. EDSON FERREIRA ANDRADE
Montes Claros — MG

Prof. Edson, palavras como estas nos estimulam para a realização de nosso trabalho. Quanto à ajuda oferecida, gostaríamos que procurasse a Comissão Municipal local.

"Aqui, em minha paróquia, ainda não há movimento social organizado. Precisamos de um Clube de Mães, uma escolinha pré-primária ou, até mesmo, base para organização social. Por meio do AÇÃO COMUM, fiquei sabendo que há um convênio entre o MOBRAL e a CNBB, para planejamento familiar, cuidados com recém-nascidos, gravidez e educação sexual. Temos um povo realmente pobre e, como tal, vive numa situação lamentável. Ainda não consegui fundar um movimento para ajudar as crianças e os velhos abandonados. Se for possível nos ajudar, seria muito bom para o nosso povo".

PADRE ITAMAR ALVES PEREIRA
Condeúba — BA

Padre Itamar, sua carta e o seu desejo de ajudar o povo de Condeúba nos deixaram comovidos. Já entramos em contato com a GEPAC — Gerência de Programas de Ação Comunitária e GEPES — Gerência de Programas de Educação Para a Saúde. Eles farão o que for possível para ajudá-lo. Enquanto isso, procure o Posto do MOBRAL mais próximo. E continue a dar notícias.

"Acuso o recebimento dos jornais, que tenho lido e achado importantíssimos. (...) Precisávamos de um instrumento que pudesse levar a palavra falada do Presidente aos Postos, onde é ministrado o ensino. (...) Um gravador é o veículo que pode transmitir com mais êxito a palavra de toda a Comissão".

JOÃO BENEDITO FERNANDES
Presidente da Comissão Municipal do MOBRAL de Teolândia — BA

Prezado Presidente da COMUN, gratos por suas palavras. Quanto ao gravador, reconhecemos a sua importância mas, no momento, o MOBRAL não dispõe de recursos para a sua aquisição. Quanto à Coluna do Leitor, ela está à sua inteira disposição. Mande notícias sempre.

NOTÍCIAS DO AMAZONAS

O segundo aniversário do Governo José Lindoso foi celebrado no Centro Intercolégio General Rodrigo Octávio, ocasião em que foram lançadas várias publicações de escritores amazonenses.

A Professora Elisa Benvinda Barbosa Tinoco, Coordenadora Estadual do MOBRL, aproveitou a presença ali do governador e demais autoridades para fazer-lhes a entrega do Mapa Cultural do MOBRL, editado em 1980.



Tendo em vista o Festival do Pescado a realizar-se este mês no município de Maués, o presidente da Colônia Z16, Érico Alfala, solicitou a presença de representantes do MOBRL no Encontro de Pescadores e Armadores de Pesca, ocorrido no último mês de março.

Durante esse encontro foi feito todo o planejamento de atividades a serem desenvolvidas no Festival, tais como gincanas, espetáculos musicais, torneios esportivos, etc.

Sob o lema "Plante uma árvore e colha seus frutos" foi lançada em Manaus uma Campanha de arborização da cidade. A Coordenação Estadual do MOBRL, a Prefeitura de Manaus e o Governo do Estado estão trabalhando juntos nessa iniciativa.

Grande força mobilizadora foi a minimobralteca, que contou com a presença dos poetas e repentistas José Zilmar de Sousa e José Cajarara.

Através de canções especialmente compostas para tão importante movimento, eles vêm incentivando as pessoas a ajudarem na preservação da natureza, além de adquirirem mudas de árvores frutíferas e ornamentais pelo preço simbólico de dez cruzeiros.

Diversos bairros já estão plenamente envolvidos nessa Campanha, que é um belo exemplo para outras comunidades.

O Morro Cristo Rei localiza-se no bairro da Compensa, um dos maiores e mais pobres

de Manaus, onde moram, normalmente, de oito a dez pessoas em cada casa.

Após um ano de trabalho ali desenvolvido por diversas autoridades, pôde-se comemorar o Dia Mundial da Saúde com a entrega de 16 filtros, adquiridos pela própria comunidade através de um consórcio.

Comemorou-se também o 1º aniversário do núcleo de desenvolvimento infantil que vem funcionando muito bem graças ao apoio da comunidade e ao entrosamento de diversas entidades locais.

Iniciativa coroada de êxito foi a Feira de Profissionalização e Atividades Culturais, realizada pela Comissão Municipal do MOBRL em Parintins.

As mais diversas atividades justificaram o sucesso do evento: houve exposição de artesanato e apresentação de músicos locais no Posto Cultural; foi inaugurado o Pré-escolar do bairro Santa Clara. Uma palestra sobre o Projeto Rondon e a mostra de material utilizado nos diversos programas do MOBRL constituíram-se em grandes atrativos. Concursos curiosos também foram realizados ali, como, por exemplo, qual o melhor corte de cabelo, o prato ornamental mais bonito, o bolo melhor confeitado e assim por diante.

Um dos grandes momentos foi a apresentação do grupo folclórico do MOBRL, com a dança Lundu.

Sertão reúne líderes sindicais em Alagoas



Realizou-se em Santana do Ipanema, em Alagoas, o I Encontro Sindical do Estado, promovido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária — INCRA.

O encontro foi coordenado pelos agentes de profissionalização e recursos humanos da Coordenação Estadual do MOBRL em Alagoas e fez convergir para Santana do Ipanema, em plena região sertaneja, 24 sindicalistas das cidades de Olho d'Água das Flores, Ouro Branco, Cacimbinha, São José da Tapera, Inhapi, Canapi, Dois Riachos, Maravilha, Água Branca, Carneiros e Delmiro Gouveia.

Participaram do Encontro, além do MOBRL, outras entidades como o Instituto Nacional de Previdência Social — INPS, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Alagoas e a Prefeitura Municipal de Santana do Ipanema.

Durante as reuniões os participantes tiveram a oportunidade de assistir e debater temas como assistência médica rural, benefícios pecuniários, arrecadação e fiscalização da previdência rural, o Estatuto da Terra, produtividade agrícola, movimento sindical brasileiro, o MOBRL e sua atuação.

Pré-Escolar em Rondônia



Cinquenta e oito núcleos para atendimento pré-escolar estão sendo formados nos bairros mais necessitados do Município de Porto Velho, no Território de Rondônia, como resultado de um convênio firmado entre o MOBRL e a Secretaria de Educação e Cultura do Município.

Nessa primeira fase, considerada experimental, o Programa está sendo implantado somente na Capital para, posteriormente, estender-se a todo o Território, já melhor elaborado e com capacidade para atender a muito mais do que as 2.300 crianças previstas para agora.

Cerca de 100 professores e auxiliares de ensino que irão desenvolver o Programa Pré-Escolar

de Rondônia já estão recebendo treinamento intensivo ministrado por técnicos do MOBRL Central do Rio de Janeiro, sendo que o primeiro período, realizado no auditório do Núcleo de Educação, estendeu-se de 16 a 20 de março último.

Segundo informa a Coordenação Territorial, o MOBRL está recebendo total apoio do Secretário de Educação e Cultura, Dr. Alvaro Lustoza Pires, bem como da Campanha Nacional de Alimentação Escolar, Legião Brasileira de Assistência e da Secretaria de Educação do Município, igualmente entusiasmados com a implantação de mais esse programa de atendimento.



Fazenda do Rochedo: uma comunidade unida

O município mineiro de Rio Casca tem 40 mil habitantes, a maioria vivendo do trabalho em grandes fazendas de cana-de-açúcar, cereais e de criação de gado. Uma delas, a Fazenda Rochedo — uma das maiores — tem população bastante unida e animada.

Seu contato com o MOBRL se deu em 1974, com o curso de Alfabetização, com bastante espírito comunitário: os próprios alunos construíram os bancos e limparam o local onde as aulas seriam dadas.

Por não terem as mães com quem deixar os filhos, estes também iam para a sala de aula e ali mesmo eram amamentados. Os maiores ficavam dormindo num canto ou observando quietos os pais estudarem. Ninguém desanimou e, logo após a conclusão do curso, solicitaram que fossem matriculados no PEI (Programa de Educação Integrada). No final do curso, sentiram-se recompensados pelas horas que gastaram e pelo sacrifício que fizeram em estudar depois do trabalho extenuante da fazenda. O relacionamento, como não poderia deixar de ser, melhorou. Aqueles que a princípio se mostravam tímidos e calados, revelaram mais confiança e desembaraço.

Não tardou o início da discussão dos problemas que afetavam a comunidade da Fazenda Rochedo: era o despertar da consciência de seu valor como pessoas de um grupo unido, que tinham alguma coisa a mostrar e construir.

ESCOLA PARA TODOS

Como as crianças da fazenda não possuíam qualquer atendimento escolar e pré-escolar, seus pais começaram a se movimentar a fim de conseguirem um estabelecimento para elas. Pediram autorização ao dono da pro-

priedade, que se mostrou receptivo à solicitação. Contando, também, com a ajuda da prefeitura, a escola foi inaugurada festivamente. As condições são excelentes: boa iluminação, conforto e higiene. Sua utilização é total: durante o dia, funcionam as classes de 1.ª à 4.ª série do primeiro grau e, à noite, os cursos de Alfabetização Funcional e Educação Integrada.

Pouco tempo depois, foi implantado o PES (Programa de Educação Comunitária para a Saúde) que passou a fazer parte do dia-a-dia da vida daquela gente. Com os esclarecimentos proporcionados pelo programa, constataram que a sua alimentação era pobre e passaram a cultivar hortas caseiras a fim de suprimir essa deficiência. Como a maioria dos participantes das turmas do PES era de donas de casa, elas passaram a se interessar, também, por outros problemas que afligem a vida doméstica, além dos cuidados com as crianças, higiene e alimentação. Solicitaram, então, que fosse criado um curso de corte e costura, o que foi conseguido através de trabalho integrado com a EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), LBA (Legião Brasileira de Assistência) e o MOBRL.

Para motivar a comunidade para os cuidados que se deve ter com a saúde, as alunas do PES passaram a apresentar dramatizações de textos sobre esse tema, no que tiveram total sucesso. A comunidade não só prestigiou as apresentações, como passou a discutir com desembaraço os problemas comuns a todos.

NOVAS REALIZAÇÕES

Em recente reunião, um dos líderes locais, Sr. Vicente José da Silva, sugeriu que os alunos do MOBRL tenham uma

A velha casa
que abrigava alguns alunos,
deu lugar
à confortável escola de hoje.



Clube de Mães:
Zelando sempre
pelo bem-estar da família
e da comunidade



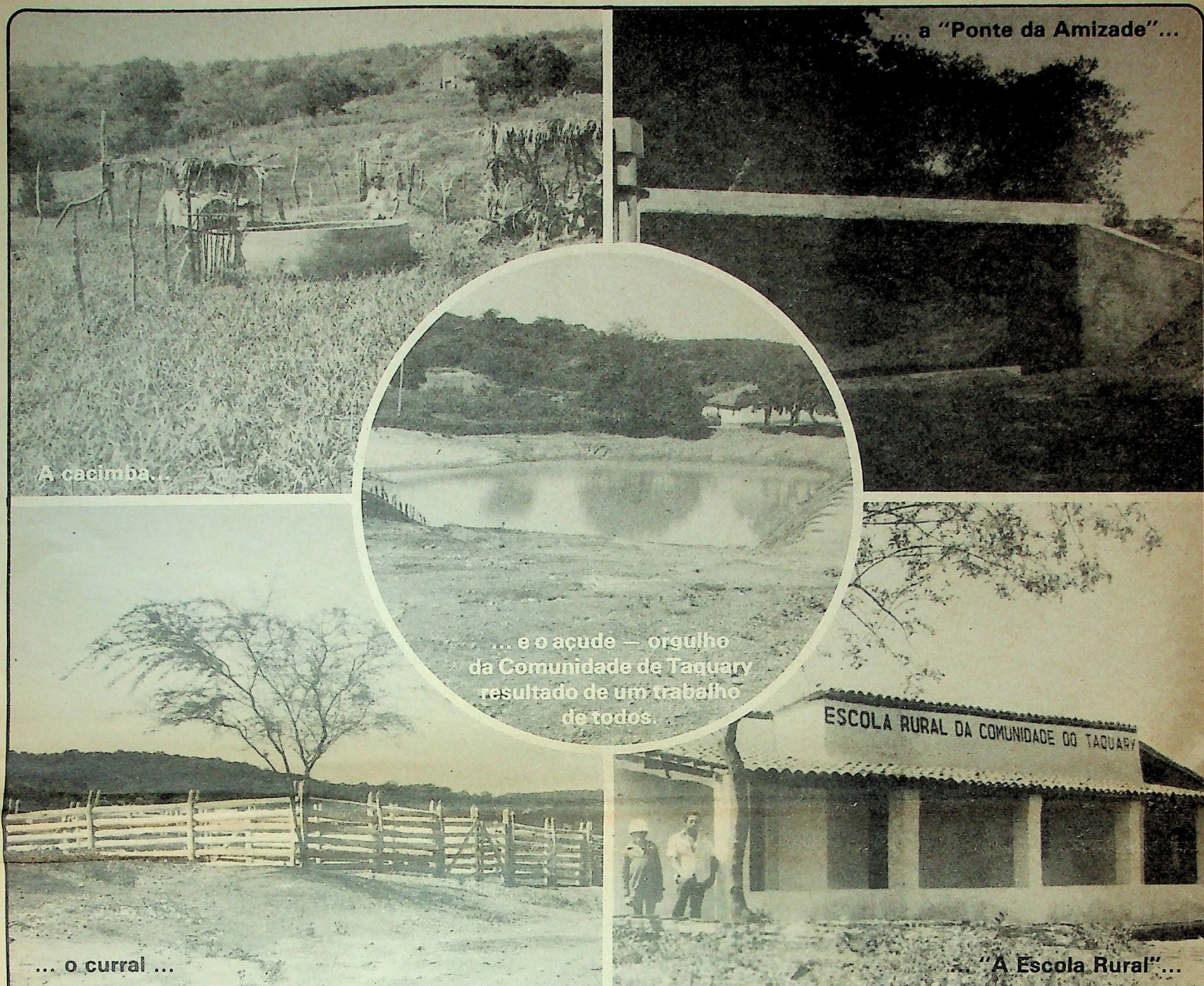
carteira de estudante, com o nome do curso em que estão matriculados. O objetivo seria divulgar os programas e identificar o aluno, que sente orgulhoso em dizer que é aluno do MOBRL.

Outra sugestão que foi discutida e entrará em prática brevemente, é a "caixinha" para aquisição de um veículo para transportar os ex-alunos do PEI do

distrito de Gurumirim, a fim de que eles possam fazer seu curso de Primeiro Grau em Rochedo.

Hoje, a comunidade da Fazenda Rochedo é outra, mais aberta e comunicativa.

Percebe-se que, agora, o grupo sente o valor do esforço comum e que, unidos, as dificuldades são superadas com mais facilidade.



... a "Ponte da Amizade" ...

A cacimba.

... e o açude — orgulho da Comunidade de Taquary resultado de um trabalho de todos.

... o curral ...

... "A Escola Rural" ...

A comunidade do sítio Taquary foi despertada para o espírito comunitário a partir da implantação do PES (Programa de Educação Comunitária para a Saúde), em 1977. O programa teve boa receptividade graças à sua filosofia e ao desempenho da monitora Josefa Batista de Lima, que sempre trabalhou com o grupo de alunos dentro de uma linha de ação comunitária.

Como não poderia deixar de ser, no primeiro levantamento de necessidades, a falta de água foi considerada o maior problema, pois afetava a todos.

Para minorar este sofrimento, foi proposta a construção de uma cacimba para armazenar a água. A empolgação foi geral e, em pouco tempo, com trabalho em mutirão de homens e mulheres, a cacimba estava pronta, dando um pouco mais de tranquilidade aos usuários.

Com o abastecimento de água melhorado, a etapa seguinte foi a criação de uma horta comunitária, pois sentiam a necessidade de uma alimentação mais rica e variada. E, no mesmo sistema de construção da cacimba — mutirão — o local escolhido para a horta foi limpo e preparado para o cultivo. As sementes de coentro, cebola, cenoura, pimentão e beterraba foram adquiridas pela Coordenação Estadual do Ceará e doadas aos diversos grupos que se revezavam na sua manutenção. No período da colheita, as hortaliças são distribuídas entre os moradores da comunidade.

Comunidade arregaça as mangas

**Lavras da Mangabeira,
município paraibano, a 432 km
de Fortaleza,
tem população estimada
em mais de 30 mil habitantes,
a maioria
vivendo na zona rural.
É naquela região
que vamos encontrar
a ativa e organizada
comunidade do sítio Taquary.**

Com o mesmo espírito de participação, foi construída uma ponte de 30 metros de comprimento por seis de largura sobre o riacho do Rosário, afluente do rio Salgado, ligando o sítio Taquary à sede do município, garantindo-lhes acesso permanente. Foi batizada com o nome de "Ponte da Amizade".

Para a vacinação do gado e colocação de ferraduras, foi construído um pequeno curral para que todos pudessem zelar melhor pela saúde de seus rebanhos.

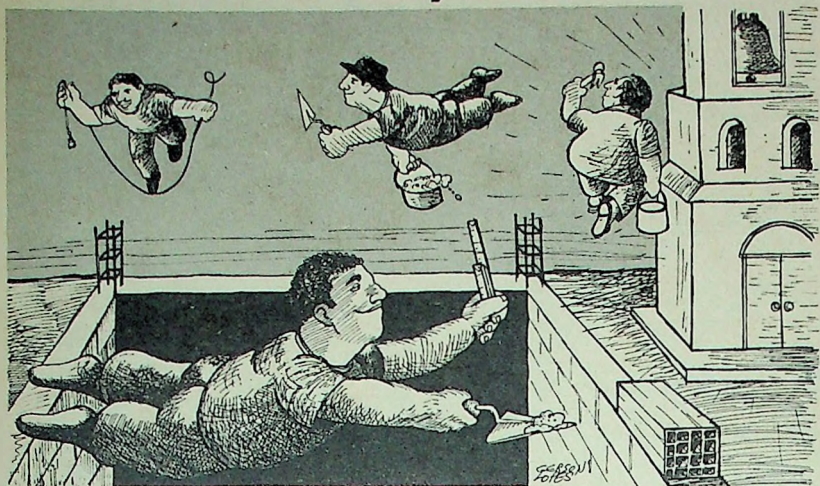
A escola rural foi outra obra construída pelo esforço de todos, contribuindo cada um com o que era possível. Tudo representava uma parcela de dedicação e trabalho para a realização de uma grande conquista. Móveis e equipamentos foram adquiridos pela comunidade. Hoje, a escola funciona com todos os seus cursos reconhecidos pela Secretaria de Educação.

Como o abastecimento de água ainda era deficiente, o grupo passou a reivindicar um açude comunitário, pois resolveria definitivamente o problema. O prefeito, Sr. Francisco Leite de Macedo, sensível aos anseios daquela gente, liberou a área onde o grupo havia planejado construí-lo e forneceu o equipamento para a escavação. Coube à comunidade a tarefa de conseguir a doação do terreno e a mão-de-obra. Para surpresa geral, após duas semanas de trabalhos intensos, o açude estava totalmente pronto para utilização.

Para breve, está prevista a construção de uma Unidade Médica para atender a casos de emergência e promoção de campanhas de vacinação, profilaxia e prevenção de doenças. O grupo já dispõe de pessoal habilitado e os medicamentos serão doados pela CEME (Central de Medicamentos) e pela Secretaria de Saúde.

Nasceu, assim, em Lavras da Mangabeira, um grupo consciente para um trabalho constante de envolvimento e participação comunitários.

Santiago descobre a Ação Comum



A pequena localidade de Santiago, no Município de Pão-de-Açúcar, Alagoas, cuja população é formada, na sua maioria, por agricultores que vivem do plantio do arroz, está descobrindo, cada vez mais, a importância da ação conjunta para o equilíbrio social.

Segundo o Supervisor de Área, Hélio S. Fialho, após uma reunião comunitária em janeiro último, os moradores de Santiago levantaram e discutiram vários problemas passíveis de solução. Como consequência, diversas atividades foram surgindo aos poucos, aproveitando recursos humanos locais, tais como a recuperação da igreja e a cons-

trução de uma escola.

Para a construção da escola, o Prefeito de Pão-de-Açúcar enviou a Santiago mão-de-obra qualificada, como mestre e auxiliares, que orientaram todo o trabalho do grupo comunitário, transmitindo os seus conhecimentos profissionais paralelamente à execução das obras.

Novas reuniões estão previstas para breve, quando a comunidade outra vez levantará e debaterá os seus problemas, partindo para a busca de soluções. Santiago transforma-se, assim, em mais uma localidade atingida pelo entusiasmo do trabalho conjunto em benefício do bem comum.

Ocupação para os pais, aula para os filhos

Antes mesmo da prioridade ganha pelo ensino pré-escolar na nova orientação do MOBRAL, o município paulista de Itapetininga recuperava diversas escolas na zona rural, mais notadamente nos bairros de São Roque, Morro do Alto, Tatetu e Vila Hungria. Até então o trabalho consistia em atender a diversas comunidades carentes da microrregião de Itapetininga, contatando os líderes de cada vila e com o auxílio de algumas entidades locais.

Como consequência, surgiu o Clube das Mães e, com ele, o atendimento às crianças que acompanham os pais durante as

reuniões. A desnutrição era uma constante e, para atender a esse problema, conseguiu-se junto à Promoção Social do Município, diversos laticínios para distribuição às crianças, durante as atividades escolares.

Enquanto os pais cuidam de melhorar as condições daquelas vilas — através do cascalhamento de suas ruas, iluminação e limpeza pública — os pequenos alunos recebem aulas de História e Pintura, jogos de recreação, noções de higiene, saúde e até mesmo boas maneiras, despertando na criança o sentido de criatividade e cooperativismo.



Em Santa Marta um líder nato

Até a abertura de sua estrada há 4 anos o contato daquela comunidade com outras mais populosas só era possível a cavalo; daí viverem em quase total isolamento, sem as menores noções de higiene, nutrição e preservação da saúde.

Grandes modificações atingiram Santa Marta a partir da chegada à localidade do Sr. Júlio Borges dos Santos. Verdadeiro líder, mente aberta, maiores conhecimentos, em pouco tempo conseguiu mobilizar grande número de pessoas na realização de um trabalho agrícola mais desenvolvido. Orientando, incentivando, foi mostrando a todos como utilizar novas técnicas a melhorar a produção.

Grande número de analfabetos levou Sr. Júlio a procurar a Comissão Municipal do MOBRAL e a supervisora da área — Maria da Glória Barros — visando à abertura de uma classe de alfabetização, na qual ele foi o professor, por escolha dos próprios alunos.

Santa Marta, distrito situado a 37 km da sede do município piauiense de Corrente, tem uma população de aproximadamente 600 pessoas que vivem em cerca de 150 casas de taipa, cobertas de palha.

Desenvolve-se ali a agricultura de sobrevivência, nos moldes mais rudimentares, bem como pecuária em pequena escala e criação de galinhas, suínos e caprinos.

A partir daí, outras necessidades foram aparecendo. Muitos eram os problemas daquela comunidade: verminose, carência alimentar, falta de atendimento médico e primeiros socorros. Vários grupos foram se organizando em busca de soluções. E surgiram, então, um grupo de alunos e ex-alunos de alfabetização; um outro formado por associados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e, ainda, um grupo da comunidade, composto de moradores do local.

Campanhas para construção de fossas através de mutirões utilizando os recursos naturais da região (palha, barro, madeira) foram muito bem sucedidas.

Através da colaboração da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e do Projeto Rondon, em bingos, rifas e leilões, foi possível comprar e distribuir filtros para água aos moradores.

O Pastor, Sr. João de Deus Moraes, também apoiou o trabalho dos grupos, especialmente proferindo palestras sobre verminose e higiene.

D. Brígida de Souza é outra pessoa que merece destaque. Moradora de Santa Marta e sabendo das deficiências alimentares daquela população, reuniu 50 pessoas para o plantio de uma horta comunitária que trouxe enormes benefícios.

Outras entidades têm colaborado efetivamente. Técnicos

da EMATER e do Projeto Rondon deram orientações sobre utilização de máquinas, adubos, vacinação de gado, etc.

Através do PETRA (Programa de Educação Comunitária para o Trabalho) realizaram-se dois cursos de plantação de milho, arroz e feijão.

Também uma farmácia comunitária está em pleno funcionamento sob a responsabilidade do Sr. Júlio que ali atende, voluntariamente, a todos que o procuram, sem escolher dia e hora. Para isso, ele recebeu um treinamento especial em primeiros socorros dado pelo Hospital Municipal. A EMATER doou medicamentos e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais forneceu os equipamentos necessários ao funcionamento da farmácia.

As mudanças de hábitos da comunidade de Santa Marta são hoje sensíveis. O relacionamento entre as pessoas e sua disponibilidade para participar das reuniões, formar grupos e trabalhar pelo bem comum aprimoram-se a cada dia.

Nos seringais da Amazônia, os problemas das crianças em idade pré-escolar tomam maior vulto e, bem pode ser, suas consequências serão, no seu amanhã, mais terríveis, mais drásticas, mais irreparáveis.

Para essa situação, concorre de forma direta o desconhecimento dos pais em relação aos cuidados a terem com os filhos nessa faixa etária, bem como da importância que a educação pré-escolar tem no desenvolvimento harmonioso da criança.

Desde os seus primeiros anos de vida nos seringais, quando a criança começa a despertar para o mundo que a cerca, a faca de corte e as seringueiras passam a ter importante papel na sua existência. A seringueira é, praticamente, a fonte de sua sobrevivência, e a criança começa a entender a importância fundamental que tem a identificação plena com essa fonte de vida. Ela sabe que a produção de borracha do seringal em que vive — e consequentemente os gêneros alimentícios que irão prover as necessidades básicas de sua mesa — está diretamente relacionada com a sua destreza no manejo da faca de corte. E cedo esquece todos os sonhos, todos os anseios que poderiam povoar a sua mente jovem, para se dedicar a uma atividade prematura e desgastante.

O permanente atraso no aproveitamento dessas crianças constitui uma das grandes preocupações educacionais no nosso país.

A penetração decidida do MOBRL na área de ensino pré-escolar, envolvendo os pais e a comunidade, emprestando-lhes a responsabilidade e os conhecimentos necessários ao desenvolvimento de atividades tão necessárias num campo tão carente, irá minimizar, de forma notória, a problemática existente e, ao mesmo tempo, incentivar, no seio das populações, uma prática cujos resultados serão observados em toda a sua profundidade, no amanhã próximo.

MOBRL/SUDHEVEA — ESFORÇO CONJUNTO PARA UMA NOVA DIMENSÃO

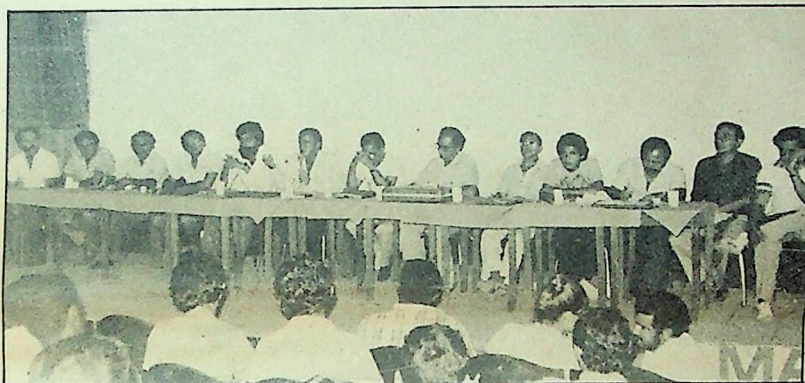
Dando seqüência às sugestões emanadas dos organismos governamentais competentes, o MOBRL e a Superintendência da Borracha prepararam-se para assinar um convênio que prevê o desenvolvimento de um programa social de grande alcance, junto às populações dos seringais nativos da região amazônica.

As atividades a serem desenvolvidas com a plena participação dos seringueiros, visam a propiciar a melhoria das condições de vida desses trabalhado-

Pré-Escolar nas terras da Seringa

Os meninos, alguns de tenra idade, ventres proeminentes, sujos, descalços, brincam no terreno limpo de mato, ao lado da casa, na "colocação" da seringa. Ao atingir os sete anos de idade, já se constituem numa força de trabalho que, de algum modo, vai engrossar a magra renda familiar.

Os primeiros anos de vida dessas crianças, passados ao ar livre, em pleno contato com a natureza, constituem-se num período profundamente marcante na formação do ser como um todo. Se esse contato, em princípio rico por excelência, fosse racionalmente conduzido nos moldes hoje reconhecidos como apropriados, certamente não teríamos que lamentar, amanhã, as feridas profundas que muitos dos nossos semelhantes carregam ao longo de suas vidas.



Reunidos, representantes de entidades oficiais falam sobre o futuro da borracha na Amazônia.

res rurais e de suas famílias, e enfatizarão aspectos das áreas econômica, de saúde, educação, cultura, tecnologia, profissão e pré-escolar, num Programa de Ação Comunitária que envolverá técnicos de ambas as entidades, em todas as suas fases.

A visita, realizada por técnicos da GEPAC — Gerência de Programas Diversificados de Ação Comunitária — aos seringais nativos situados ao longo da BR-317, no Município de Brasília, no Estado do Acre, embasou o MOBRL para a proposta de trabalho a apresentar à SUDHEVEA.

UMA NOVA ESPERANÇA NOS HORIZONTES DA SERINGA

Cerca das 8,30 horas de segunda-feira, 23 de março, os aviões Navajos, prefixos PP-EFS e PT-FAL, do Governo do Estado do Amazonas e da SUDHEVEA, respectivamente, decolaram do Aeroporto Internacional de Manaus, com 12 pessoas a bordo, rumo a Borba, onde teve início a primeira etapa do III Encontro de Seringalistas e Seringueiros da Região Amazônica. Dentre os seus passageiros, o Dr. José Cezário, Superin-

tendente da Borracha; Dr. José Matias Pereira, Subsecretário de Produção Rural e representando o Governador do Estado; Prof. Geraldo Mesquita, Diretor-Financeiro do Banco da Amazônia; Dr. Francisco Vasconcelos, Superintendente Regional de Operações do Banco do Brasil; Dr. Vinicius Conrado, Presidente do Sindicato dos Seringalistas do Amazonas; Dr. Pedro Tolentino, Secretário do Conselho Nacional da Borracha e Dr. Rafael Pinzon Rueda, Presidente da EMATER Amazonas.

Borba, engalanada, aguardava os visitantes. As faixas de boas vindas se espalhavam pela cidade e havia sorrisos abertos de esperança em todas as faces.

O DESAFIO DOS SERINGAIS

As características peculiares dos seringais nativos da Amazônia determinam o modo de ser particular das populações que neles vivem.

Penetrando na mata de manhã cedo, o seringueiro tem como únicas companhias a faca de corte, o rifle, o facão e os seus próprios pensamentos, que normalmente expressa de forma audível.

O lanche, que normalmente é também o almoço, se resume num pouco de farinha de mandioca que ele mesmo planta na mata; no peixe, que o igarapé generosamente fornece, ou na peça de caça que ocasionalmente abate, e cuja maior parte reserva para a noite, após o regresso à casa, a fim de proporcionar à mulher e à prole numerosa uma refeição melhorada.

Com 5 a 6 quilômetros em média, as estradas da seringa são rasgadas a golpe de facão, para que o látex, fonte de vida desses soldados, seja recolhido nas tijelas presas aos troncos das árvores. Na escuridão da noite, lanterna presa na testa, envolto em agasalhos, o seringueiro sai de casa e enfrenta a mata fria, úmida, perigosa. Vai cortar seringa, abrir novos sulcos nas árvores, para depois colher o seu sustento e o da família, normalmente muito numerosa.

Algumas áreas da região amazônica podem ser consideradas como extensos seringais nativos. O Estado do Acre, por exemplo, pode ser visto assim: há seringais acessíveis à penetração, enquanto outros oferecem toda a sorte de dificuldade. Porém, de maneira geral, as condições de vida não diferem muito de uns para outros.

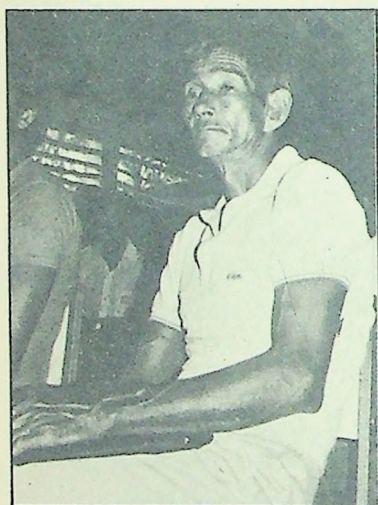
Normalmente, as casas de palafita são construídas, sempre que possível, junto aos igarapés ou estradas e não obedecem, de modo geral, às normas básicas de construção, nem satisfazem às



Na mata, junto às seringueiras novas, são experimentadas técnicas mais sofisticadas.

finalidades a que se destinam e não oferecem condições de abrigo contra as intempéries ou animais daninhos, para elaborar refeições ou mesmo para repousar. São geralmente pequenas — 2 ou 3 cômodos — e abrigam, quase sempre, famílias compostas de 6, 8, 10 ou mais pessoas. As condições higiênicas ambientais são precárias e a ausência quase total de Agentes e Postos Sanitários favorece o surgimento e a proliferação de enfermidades, projetando elevados índices de mortalidade geral e infantil. A não ingestão diária de alimentos básicos em quantidade suficiente reduz, substancial e gradativamente, a capacidade de trabalho do homem da mata. Em matéria de educação, há completa carência de escolas e de pessoal habilitado a ensinar. As taxas de analfabetismo são muito elevadas. Inexistem, de modo geral, atividades culturais e de lazer, e isso se reflete no inexpressivo desenvolvimento cultural dessas populações. Não é dedicada nenhuma atenção especial à criança na idade pré-escolar. Os meninos iniciam-se cedo no trabalho e vão, amanhã, engrossar as fileiras dos adolescentes e de adultos analfabetos.

Foi essa a situação que o MOBREAL encontrou e é esse o desafio que pretende vencer.

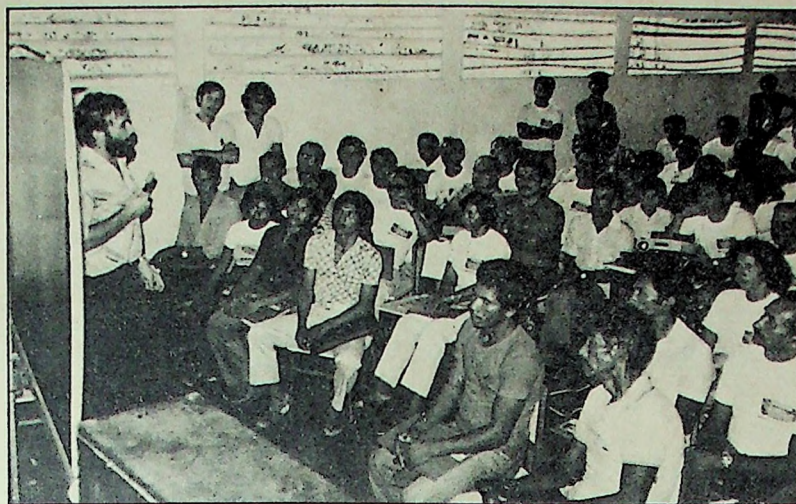


No auditório, o velho seringueiro, curtido de longos anos de trabalho, acompanha atento os debates.

UM PASTOR AMERICANO ME DEU UM "ÓCULOS DE GRAU"

Antonio Soares Alves vive e trabalha há 43 anos no seringal. Quase cego, com mulher e 9 filhos, luta diariamente para conseguir o sustento indispensável à sobrevivência dos familiares.

— "O seringal é de um irmão meu, que me entregou para que eu tomasse conta. Tem 30 hectares de terra e tiro 6 litros de leite diariamente; às vezes dá até 8 litros. Vivo no seringal com as maiores dificuldades. Os patrões não ajudam; a borracha é paga pela terça parte do seu valor e as mercadorias são caras. A gente não pode nem comprar um cal-



O Engenheiro-Agrônomo Jacob Kuffner, da SUDHEVEA, transmite aos seringueiros as novas técnicas de processamento do látex, através das miniusinas.

çado para os filhos e nem vestimentas. É horrível! Tenho mulher e 9 filhos pequenos. Meus parentes de Manaus é que me dão auxílio. Eu sei ler. Aprendi por conta própria. Só estudei o a, b, c, mas sou inteligente e sei ler, escrever e dou conta de compromissos e responsabilidades, como já cansei de dar, trabalhando em goma elástica com 10 ou 12 homens. Lá, onde estou, tem posto de saúde e eu estou até substituindo o Agente, que saiu e me deixou no lugar dele. Agora, eu vim prá falar com o Prefeito, para transferir este lugar que eu estou ocupando, para um rapaz de 18 anos, que é sábio. Eu tenho pouco saber. Sofro de grande reumatismo e a visão já não dá prá dar injeção".

E Antônio continua a narrar a sua vida inteira passada nos seringais, sobrecarregada de muito trabalho e de pouquíssimos bons homens: "Aprendi a dar injeção no seringal, com o povo que vivia necessitado. Eu estava em Porto Velho em 1952, adoeci e baixei ao hospital, e lá via os enfermeiros trabalhar. Prestei atenção como eles faziam. Comprei um aparelho em Manaus e comecei a trabalhar no seringal. Já não enxergo bem. Tenho lidado muito com álcool, defumação de borracha, balata e sorva, com pouco alimento e sofrendo muito. Há 43 anos trabalho nos seringais. A alfabetização, o Posto Cultural e o Posto de Saúde são muito necessários no seringal, e o MOBREAL vai ser muito bem recebido por nós".

E Antônio finaliza o seu depoimento, que sintetiza quase toda a sua vida, com uma ponta de tristeza: "pena que eu já não vejo bem, para ler mais".

Um pastor americano me deu "um óculo de grau". Era 0,3 mas, de lá para cá, aquele não deu mais e quebrou, e eu não tive mais posse para ir consultar em Manaus".

O QUE A GENTE MAIS COME É PEIXE QUE PEGA NO IGARAPÉ

Mamede Alves trabalha no seringal "Restauração", em Humaitá, quase na divisa com o Território de Rondônia. Ele não é proprietário. Trabalha no "toco", isto é, para um patrão:

"tiro diariamente 15 litros de leite e os entrego ao Zezinho Postigo, meu patrão, que me paga Cr\$ 100,00 por dia. Mas não recebo dinheiro, não; é a troca. Saio de casa à uma hora da manhã e regresso às 18 horas.

Aí fecho o corte. Volto a sair às 13 horas e às 15 estou chegando com o leite. A alimentação é pouca; o que como mais é peixe, que pego no igarapé. A farinha, a gente planta mesmo, e a carne, às vezes também pega: carne de caça. A escolinha que tem lá é a do lugar do Alcides Postigo.

Não ouvimos as notícias do rádio. A gente sabe do preço da borracha, mas o patrão não quer saber. Ele só paga o que quer. Ando mais de 30 quilômetros por dia, para cortar a seringa e colher o látex, e nem sempre

levo o que comer; não dá... Tenho 5 filhos e eles não vão à escola porque preciso deles no meu trabalho, cortando e colhendo seringa. Não temos posto de saúde. Quando as pessoas ficam doentes, ou tomam "chá de mato" ou esperam uns dias prá ver se a lancha passa. O seringal onde eu trabalho fica a 6 horas de viagem de barco até o posto de saúde mais próximo. Nós queremos que o MOBREAL venha trabalhar nos seringais. É muito melhor para nós e para os nossos filhos, pois assim eles vão aprender coisas, e não ficar ignorantes que nem nós".

NA MATA NÃO TEM DIVERTIMENTO, SÓ TRABALHO

Manoel Fernandes da Costa, de Guajará-Mirim, trabalha em três estradas, no seringal de José Arqueiro. Sai às 3 horas da manhã para cortar seringa. Às 3 da tarde regressa à casa, cansado, depois de ter percorrido cerca de 30 quilômetros a pé, alimentando-se somente com farinha e peixe: "No ano passado pagaram a borracha a Cr\$ 85,00, mas no rádio falava que o preço era Cr\$ 116,00. Os preços das mercadorias estão muito altos. Não compensa mais a gente trabalhar na seringa. Na mata não tem divertimento... A vida da mata é trabalhar. Não sei ler nem escrever, mas se tivesse escola ou professor eu ia aprender. No sábado e no domingo, o que eu faço é andar na mata, matar um bicho prá comer, tomar banho e dormir, prá começar tudo de novo na segunda-feira. Nunca tive doença, mas as pessoas que passam mal têm de se virar sozinhas. Lá não tem posto de saúde. O mais próximo é aqui, em Guajará-Mirim e fica a dois dias de viagem de barco. Às vezes as pessoas saem de lá doentes e chegam aqui já mortas. Isso tem acontecido muito. Há dias, com um homem de São Miguel, aconteceu isso".

MINIUSINAS — A INDUSTRIALIZAÇÃO CASEIRA DA BORRACHA É A ESPERANÇA

É junto às miniusinas de processamento de látex que o MOBREAL irá desenvolver as atividades dos programas que implantar nos seringais.

Para tando, serão construídos, em regime de mutirão galpões comunitários, cuja madeira será fornecida pela SUDHEVEA — Superintendência da Borracha. Nessas miniusinas passará a ser desenvolvido um novo método de processamento da borracha, denominado "folha fumada", sendo que essas miniusinas servirão de base para a comercialização da produção e deverão



O resultado do convênio SUDHEVEA-COBAL, foi este armazém a preços módicos, para abastecimento dos seringalistas.

reunir, em média, 20 seringueiros e respectivas famílias, por unidade.

Assim, o MOBREAL terá a população dos seringais equitativamente distribuída por "bases físicas", motivadas pelo novo método de processamento, que se pode chamar, até de "revolucionário" — a "folha fumada".

O Engenheiro-Agrônomo Jacob Kuffner, responsável pelo desenvolvimento desse novo método de processamento no Estado do Acre, nos fala sobre a nova técnica: "o processo de folha fumada é a modificação da tecnologia de extração e processamento de borracha dos seringais nativos. Essa tecnologia foi trazida da Malásia, após contatos da Superintendência da Borracha, em Brasília, com autoridades daquele país. Essa tecnologia foi desenvolvida, inicialmente, para ser utilizada em seringais de cultivo, mas verificou-se a possibilidade de implantação e execução em seringais nativos, os quais respondem hoje por cerca de 60% da nossa produção de borracha natural, produzida na região amazônica. Assim, face à importância que tem o aumento da produção de borracha natural para o Brasil, essa tecnologia foi trazida para cá e implantada no Estado do Acre em meados de 1980, já tendo proporcionado bons resultados.

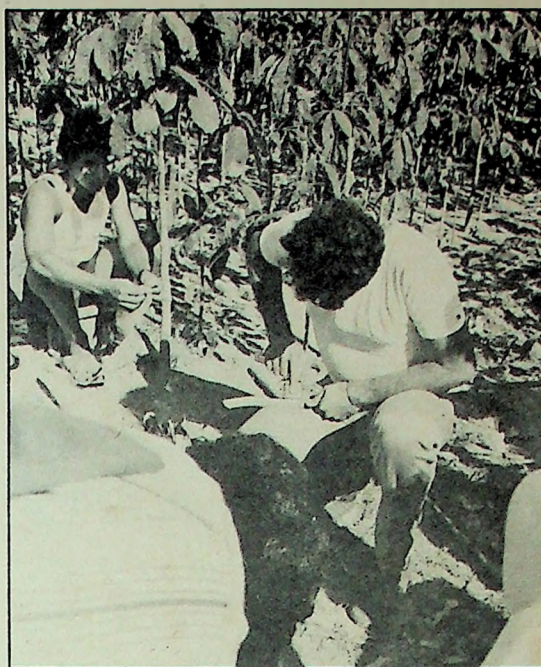
ção, para retirar as impurezas que normalmente caem nos depósitos da recolha como, por exemplo, folhas, cascas de árvores, insetos, etc. Esse procedimento se repete diariamente ou não, dependendo de fatores como o tamanho de suas estradas (linhas de plantações) e o número de árvores que elas contêm, bem como a capacidade de trabalho do seringueiro.

Normalmente, o látex é transportado para a miniusina no lombo de burros, através de varadouros — caminhos rústicos abertos na mata.

Na miniusina, o látex é submetido ao lacto-densímetro — aparelho que mede o teor de água que contém, sendo que esse teor varia não só em relação às árvores, mas também sofre influência da estação climática que decorre no período. A produção individual de cada seringueiro é, então, devidamente anotada em fichas padronizadas pelo seringueiro chefe da miniusina, verificando-se em cada entrega de látex o teor de água contido, o que, naturalmente, vai influir no preço que o seringueiro recebe.

UM POUCO MAIS SOBRE A BORRACHA

Ao chegar às miniusinas, se o látex contiver 40% de borracha sólida, será pago a Cr\$ 80,00 o litro, o que significará que de



As técnicas de enxertia de seringueiras foram amplamente explanadas pelos técnicos da SUDHEVEA que visitaram a região.

seguinte é a acidificação, que consiste na adição de um coagulante — ácido acético — para que seja obtida mais rapidamente a solidificação da borracha: em cada 100 litros de látex serão adicionados 4 litros de ácido acético, cujo resultado é, então, colocado em bandejas retangulares de 30 X 40 X 08cms, onde permanece por duas ou três horas. Após pressionado e espremido por diversas vezes e através de diversas máquinas e cilindros, para a completa extração de água que ainda possua, as folhas seguem para a pré-secagem, estendidas em varais, ao ar livre sem, contudo, serem expostas ao sol, por um período de 24 horas aproximadamente.

O defumadouro é o passo seguinte e consiste numa espécie de estufa, onde as folhas de borracha ficam expostas à fumaça produzida por madeira, folhas, gravetos, etc., canalizada para o seu interior através de um túnel que, por sua vez, está diretamente em comunicação com a fornalha, no exterior do defumadouro. Essa operação leva, em média, de 48 a 72 horas para com-

pletar-se, a uma temperatura de 45 a 65 graus centígrados.

Após defumadas, as folhas pesam, em média, de 250 a 300 gramas, contendo, normalmente, 0,8% de umidade.

A borracha sem impurezas é, atualmente, paga a Cr\$ 243,73 o quilograma, livre de ICM e de outros encargos que normalmente oneram o produtor.

As grandes vantagens que o novo método de folha fumada, processado nas miniusinas, oferece em relação ao processo arcaico, consistem no tempo livre que o seringueiro possa ter para dedicar a outras coisas e, principalmente à família, além do fato de não se expor à fumaça que, ao longo dos anos, acaba sempre deixando as suas marcas nos pulmões e nos olhos desses trabalhadores da mata.

Melhor organizados e distribuídos, mais orientados quanto ao seu trabalho, e melhor assistidos educacional e sanitariamente, os seringueiros vêem, agora a abertura de novas e excelentes perspectivas para o seu desenvolvimento e para o futuro de seus filhos.



Só o pequeno avião é capaz de pousar nas pistas abertas em plena mata, levando os técnicos para a região da borracha.

COMO SE PROCESSARÁ O TRABALHO

A técnica consistirá no seguinte: os seringueiros serão organizados em grupos e liderados por um deles, escolhido dentre o grupo. A miniusina será montada na colocação do seringueiro-líder, e esse será o responsável pelo recebimento e processamento do látex. Ali, após ser recebido, será iniciado o processamento, com a mistura, ao látex, de amônia, um anticoagulante, na proporção de 1,5 litros de amônia, para cada 40 litros de látex.

O látex é filtrado pelo próprio seringueiro, na sua coloca-

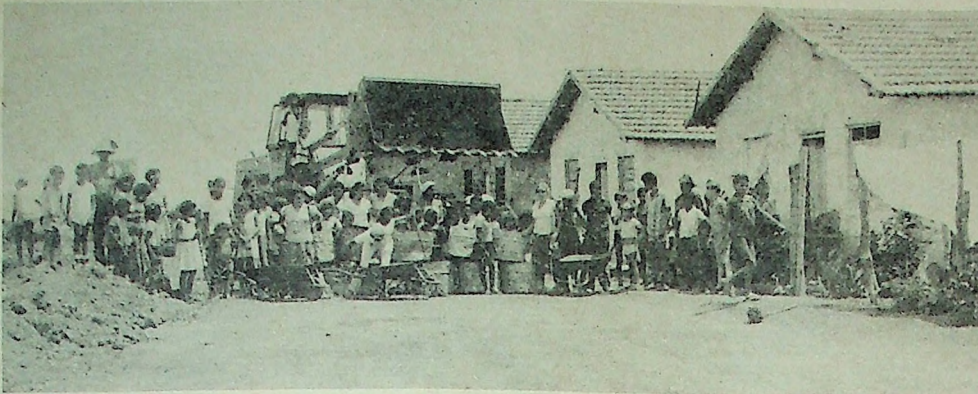
cada 2,5 litros de látex será extraído um quilo de borracha. É também nas miniusinas que os seringueiros podem se reabastecer dos ingredientes necessários ao seu trabalho, como a amônia, por exemplo. Após filtrado, uma vez que o leite deve ser processado puro, o látex é colocado em caixas com capacidade para 500, 700 ou até 1.000 litros, e misturado com água, numa proporção de 2 para 1, isto é, em cada litro de látex serão adicionados dois litros de água, o que torna a borracha mais maleável e, portanto, mais fácil de ser trabalhada durante todo o processo de beneficiamento.

Após a diluição, o passo



O seringueiro é antes de tudo, um forte.

Vilas fazem mutirão



Aos sábados e domingos, os pais dos alunos cuidaram do terreno e repararam o prédio da Escola.

VILAS FAZEM MUTIRÃO

Cem casas e quinhentos moradores formam a Vila Santa Lúcia, no Município de São Miguel do Araguaia, no Estado de Goiás, e a maioria dos seus moradores são oriundos da zona rural que se desloca para a cidade, em virtude de as fazendas não mais oferecerem fartura de mão-de-obra.

Assim, com o êxodo de grande parte dessa população rural, as casas da Vila Santa Lúcia foram construídas pela Organização das Voluntárias de Goiás, que no momento somente atendiam ao problema de moradia, sem se fixarem nos demais, como a indispensável infraestrutura comunitária.

Dessa maneira, quando o PRODAC — Programa Diversificado de Ação Comunitária foi implantado no local, criando um Grupo de Ação, o problema da limpeza estava tão sério que chegou a provocar discussões entre os moradores: uns queriam a Vila mais limpa, enquanto outros não se importavam e, acima de tudo, negavam-se a colaborar. Ainda assim, o Grupo de Ação Local conseguiu organizar um mutirão, precedido de palestras sobre a importância da higiene para a saúde.

O mutirão aconteceu finalmente, no dia 10 de março último e, segundo os coordenadores, foi um sucesso. Cada família se encarregou de limpar a sua casa e o seu quintal, recolhendo e colocando o lixo na porta da casa, para ser recolhido pelos caminhões da Prefeitura. As ruas foram patroladas, a pracinha da Vila recebeu reparos e cuidados e a rede de água, antes deficiente, foi consertada. A Comissão Municipal obteve patrocinadores de latões de lixo e procedeu à distribuição aos moradores.

Todo o movimento contou com o apoio e as presenças da Secretária Municipal de Educação, Maria Astéria, e foi coordenado, também, pela Secretaria de Serviços Urbanos, na pessoa do Sr. Batista de Andrade.

O Grupo de Ação Local da Vila Santa Lúcia prepara-se, agora, para dar continuidade ao trabalho comunitário, criando um Programa de Educação Para a Saúde.

A Vila integra-se aos poucos à vida normal do Município de São Miguel do Araguaia, atualmente com cerca de vinte e três mil habitantes e que tem como principal riqueza a pecuária. Já tem uma escola, construída pela Prefeitura e pelo Pró-município e, dentro em breve, poderá contar com muitos outros serviços indispensáveis ao seu desenvolvimento.

NO RIO GRANDE DO SUL

Na localidade de Sete de Setembro, Município de Planalto, Rio Grande do Sul, o Grupo de Ação Comunitária Local também está trabalhando pela união dos moradores e pelo desenvolvimento comunitário, igualmente sob a forma de mutirão.

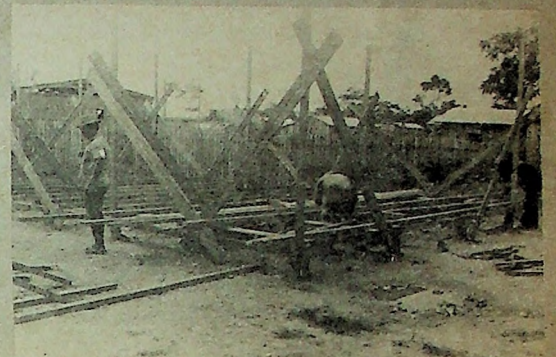
Em março último, na época da volta às aulas, por exemplo, os pais dos alunos da Escola Municipal Padre Anchieta, realizaram um mutirão aos sábados e domingos, realizando limpeza no pátio e restauração do prédio escolar, visando a preparar tudo para melhor receber os alunos, seus filhos.



Vitalino da Silva, o Coordenador do Grupo de Ação Local de Sete de Setembro.

Segundo o Grupo, o trabalho do seu Coordenador, Vitalino da Silva, foi o principal motivador dos serviços desenvolvidos, graças ao seu dinamismo e extrema boa vontade, em prol da comunidade em que vive. E garantem os seus participantes que o trabalho comunitário vai continuar, abrangendo outros problemas que ainda existem na Vila.

Escola da comunidade é sucesso no bairro Bahia



Escola Frei Thiago Mattioli em construção, fevereiro de 81.

Bahia é um dos bairros mais carentes de Rio Branco, no Acre. Ali, cerca de 600 crianças estavam marginalizadas, devido à falta de vagas nas escolas da rede oficial.

Por iniciativa da Professora Iris Célia Cabanellas Zanini, Secretária de Educação e Coordenadora do MOBRL, houve uma reunião com os moradores da localidade, para que, juntos, buscassem uma solução para tão grave problema.

Durante o encontro a secretária lançou o desafio: "Vamos construir uma escola da Comunidade". Imediatamente os pais puseram mãos à obra. O material de construção pôde ser comprado graças à colaboração do PRODASEC (Programa de Ações Sócio-Educativas e Culturais da Secretaria de Educação e Cultura).

Em 30 dias ficou pronta a escola, toda feita em madeira, e que recebeu o nome de Frei Thiago Mattioli.

Hoje são ali atendidas 606 crianças, distribuídas em 3 turnos, além de 200 alunos que assistem às aulas de alfabetização funcional e de educação integrada.

Trata-se, sem dúvida, de um exemplo muito significativo de envolvimento dos pais na educação das crianças, objetivo primordial do Programa Pré-escolar do MOBRL.



Escola Frei Thiago Mattioli no dia (05/03/81) da inauguração.